

ENTREVISTA COM O PROFESSOR RODOLFO PANTEL*

Lucas Söhn Albuquerque¹

Matheus Reiser Müller²

Data: 07 de junho de 2011

Local: Colégio de Aplicação/UFSC

Entrevistadores: Lucas Söhn Albuquerque e Matheus Reiser Müller

Duração do Áudio: 1h e 30 min

Transcrição: Matheus Reiser Müller

Informações: entrevista realizada por estudantes de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como parte da pesquisa *Memórias e trajetórias docentes no ensino de História*, desenvolvida na disciplina Seminário de Pesquisa em Ensino.

Lucas: Professor, fale um pouco da sua trajetória como professor de História na Educação Básica.

Professor Rodolfo: Então, eu sou ‘ex-paulista’. Me formei em São Paulo. Eu sou filho da PUC de São Paulo. Uma universidade com certa tradição lá em São Paulo e tal. Eu fiz um bom curso de História. E aí, quando tive que decidir o tipo de docência que ia exercer – se ia ser terceiro grau, mais ligado à pesquisa, ou se ia trabalhar mais no ensino básico, com jovens e adolescentes –, eu acabei fazendo essa opção. Trabalhei um pouquinho em universidade... aí eu comecei a trabalhar em algumas escolas. Comecei num supletivo na periferia de São Paulo, dava aula à noite, eu não ‘tava nem formado ainda e..., porque não foi num estágio que a docência me enfeitiçou, foi mesmo na prática, quando eu entrei dentro de sala de aula é que eu vi que eu me sentia bem naquele espaço, naquele ambiente, e que eu sabia... me comportar ali dentro. Foi uma

* O professor Rodolfo Pantel, 59 anos, trabalhou 28 anos no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina e aposentou-se em fevereiro de 2011.

¹ Graduando do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: lucasalbq@hotmail.com

² Graduando do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: reiserm@hotmail.com

aprendizagem assim (riso)... foram dois anos e meio, três anos de supletivo trabalhando ou com gente mais velha ou com meninos mais desajustados, que não conseguiam ficar nas escolas mais convencionais. Então era um público assim bem heterogêneo... então foi um grande desafio em termos de entender o que é isso de trabalhar na sala de aula com ensino de História e... foi ali mesmo que eu senti que gostava daquilo e que eu fui aprendendo, fui me construindo, vamos dizer assim, como professor. A universidade foi muito atraente também, eu já tinha aquela imagem de que eu queria ser um intelectual, porque eu não era atleta. Não era bonito, não era rico, então eu falei: "porra! Onde é que eu vou"... Não é ter sucesso, eu nunca fui, assim, ganancioso nesse sentido, assim de querer ser alguma coisa muito especial, mas que me compense, não em termos monetários, entendeu? Ter uma certa segurança, porque isso é necessário, a gente tem que sobreviver, mas que ao mesmo tempo eu conseguisse me realizar profissionalmente, então eu acho que é como um surfista que vai fazer um curso de educação física. A gente procura uma coisa em que a gente vá se sentir bem, que a gente vá se sentir útil. Isso pra mim era muito importante, então esse negócio de ser professor... Eu fui péssimo aluno de primeiro e segundo grau, péssimo aluno, numa escola muito conservadora, estudei numa escola alemã, muito rígida em termos de disciplina, muito conservadora em termos de comportamentos e política. Então, aquilo ali me transformou num estudante rebelde, eu era muito rebelde, não é? Rodei vários anos, era um problemático, e matava aula, e blá, blá, blá. Mas quando eu entrei na faculdade eu falei – "É isso, cara". Eu sempre gostei de ler. Acho que isso ajuda muito quem quer trabalhar como professor. O cara tem que estar sempre lendo. Mesmo que não seja vinculado num esquema mais de pesquisa e tal, mas você não consegue ser professor se você não estiver minimamente atualizado, então você tem que estar lendo o jornal, tem que estar lendo os livros que estão saindo, sobre o ensino ou sobre o conteúdo da tua matéria. Então tinha que ser alguma coisa que eu lesse, aí, puxa! O curso de História foi uma maravilha, eu adorei. Mas senti também que eu não queria ficar na academia, lá, fazer pesquisa, mestrado, doutorado, pós-doutorado,

escrever, escrever, fazer um monte de pesquisa, ter um monte de pergunta na cabeça e ficar tentando resolver no meio dos arquivos. Eu acho legal... o historiador..., mas eu acabei fazendo uma opção assim mais pelo professor de História. Eu falei – “não, o que eu quero é sala de aula e o que eu quero é agitar com a galera, com o pessoal mais jovem que..., de uma certa maneira, eu me identifico”. Me identifico. Então, um cara pequeno-burguês e que, vamos dizer assim, seguiu uma carreira intelectual assim de... de professor de História.

Eu vou retomar, porque depois que eu me formei lá na PUC, trabalhei um pouquinho ali como professor. Logo que eu me formei, eu me casei com a mulher que eu tenho até hoje, 34 anos. Ela engravidou, tivemos um filho e aí a gente resolveu mudar, sair de São Paulo, porque a gente percebeu que ali, com o meu salário de professor, a gente teria muita dificuldade de sobreviver criando uma família. Porque quando era eu e ela, ela trabalhava, eu trabalhava, a gente tinha uma grana, alugava um apartamento super gostoso, a nossa vida era bem legal. Ia ao teatro, cinema, tudo, comprava gibi, jornal, livro, tinha uma vida... que era o que eu queria. São Paulo é legal, mas a cidade ‘tava começando a ficar mais violenta, então pensava na questão do meu filho. Pô, pro meu filho ser criado aqui, toda hora vão roubar a bicicleta dele, toda hora vão roubar um boné dele, outra hora vão roubar um relógio dele, isso se ele tiver sorte. Eu falei – “Vou ter que morar meio na periferia porque eu não tenho grana... então, provavelmente vou ter que ficar metido no trânsito a maior parte do dia, trabalhando em três escolas”. Aí eu falei – “Puta, isso daí não vai dar certo. Onde é que eu como professor, ganhando um salário que é uma merreca, posso viver bem e criar o meu filho numa boa”? (tom divertido) Aí eu abri o mapa do Brasil e falei, bom... (riso) eu fui pro Recife, tenho uma tia lá, olhamos, olhamos, mas aí a gente viu que ia ser muito difícil de se adaptar no nordeste do país. Por exemplo, por causa da minha figura, assim. Eles achavam que eu era holandês. É..., eles não acreditavam que eu falava português, que eu era brasileiro, né? Então eu falei – “Isso daqui não vai funcionar, eu vou ser sempre um estrangeiro aqui”. Aí veio a ideia do sul. A minha vó nasceu no interior de Santa

Catarina, foi pra São Paulo e tal... Então a gente veio, eu vim num congresso de História, da ANPUH, Associação Nacional dos Professores Universitários de História, aqui na UFSC. Então, aí eu vim com a minha mulher, que era minha namorada, em 77, a gente se conheceu aqui. Florianópolis num inverno lindo, como o dia de hoje, e a gente falou – “Caraca! É aqui”. (risos) E daí nos formamos, casamos, e aí a gente veio, falou – “Pô, pra onde é que nós vamos”? A gente falou – “Pô, vamos lá pra quele lugar”. Aliás, eu não me mudei pra Florianópolis, eu me mudei pra Lagoa da Conceição, foi pra lá que eu mudei. Morei 25 anos lá. E então vim pra cá e comecei a procurar emprego. Filho pequeno, mulher, a gente morando com o pouquinho de dinheiro que a gente tinha trazido e aí eu falei – “Pô, eu preciso arrumar trampo”. Aí, andei por aí. E teve um concurso pra professor substituto aqui no Colégio, eu vi no jornal, e aí eu tive uma certa vantagem por ser formado lá em São Paulo, entendesse? Naquela época havia muita diferença do curso daqui com o de São Paulo, com o de outros centros. O curso aqui era recente, tinha algumas precariedades, vamos dizer assim. Então, eu fui bem no concurso. Tinha uma vaga, tinha uma vaga e eu ganhei (tom divertido), então eu fiquei dois anos como substituto aqui. Aí uma professora aqui do colégio, que dava aula no Bardal, falou – “Lá no Bardal precisa de professor”. Então teve dois anos que eu dava aula no Bardal, nem sei se existe hoje, acho que foi à falência, uma escola particular, e aqui, e aí teve um concurso pra efetivo. E aí eu fiquei com a vaga pra efetivo, então, eu fiquei 28 anos trabalhando aqui no Colégio Aplicação, me aposentei em fevereiro desse ano.

Lucas: Como o professor considera a relação entre o conhecimento histórico que aprendeu na universidade e o conhecimento que é transmitido na disciplina de História do Ensino Básico

Professor Rodolfo: Se há diferença entre o que se faz na universidade e o que se faz na escola? Esse é um dilema, parece que perpassa o nosso ofício. Porque parece que às vezes se tenta fazer uma diferenciação entre

o professor e o pesquisador. O cara que é historiador é o cara que escreve livros, que faz pesquisa, original, pá, pá, pá. E o professor é o ensino. Seria outro objeto de pesquisa, acho que é isso, mais ou menos. Existe a História, uma ciência que é a História, e uma ciência que é o Ensino da História, o ensino das outras ciências. Então, o ensino é uma ciência em si, isso cria uma questão epistemológica meio complicada, que os historiadores tem meio que uma dificuldade em resolver, vira e mexe a gente fica brigando entre nós. Eu não sei como é que vocês, que estão no começo do curso, se vocês já perceberam alguma coisa nesse sentido. Você tão no CFH, vão fazer o bacharelado. E vocês vão ao mesmo tempo fazer a licenciatura, no CED, no Centro das Ciências da Educação. Quer dizer, vocês são de dois centros. E parece que essa relação não é muito tranquila, é meio neurótica e... complicada. Já vem de algum tempo, na época que eu era estudante já tinha esse problema, dessa divisão de ensino e pesquisa e tal. Eu nunca entrei muito nessa questão, nunca me preocupei muito com esse negócio, tá certo? Por isso que eu sempre gostei muito de trabalhar no ensino básico, mas dentro de uma universidade, porque daí fecha, entendesse? Porque aqui eu tenho tempo pra pesquisa, pra extensão e pro ensino. Que é o que o cara formado em História tem que fazer, entendesse? Tem que dar aula, e tem que estudar e pesquisar. Porque História é importantíssimo, a gente tem uma missão a cumprir, como professor e historiador, como divulgador da memória, então isso é importantíssimo! (ênfase) Importante pra juventude, é importante pra nação, importante pra humanidade, a gente tem que ter memória. Os historiadores são importantíssimos (ênfase).

Lucas: Professor, conte um pouco sobre a influência, na sua prática docente, da estrutura das escolas onde você lecionou.

Professor Rodolfo: Mas na verdade eu fiquei aqui a vida inteira, e aqui eu aprendi pra caramba, porque o colégio é aquele colégio que é público, então é uma questão ideológica, tá certo? Eu falei – “Pô, eu não vou dar aula numa escola particular” – eu tinha certeza que eu ia trabalhar com

coisa pública. Agora, a prefeitura e o estado pagam muito mal, é uma coisa indigna. Então, quando surgiu a possibilidade, quando eu entrei aqui nesse colégio... é uma escola pública, as turmas são com vinte e cinco alunos, tem biblioteca, tem merenda, tem o campus, eles tem o restaurante universitário, eles fazem a prática desportiva lá no CDS, os caras vivem livres aqui na UFSC, pô, é uma possibilidade, esse colégio aqui é uma delicia, é um filé *mignon*, entendesse? Daí resolveu minha vida. Eu tinha trinta anos, fiz o concurso pra efetivo, me aceitaram, acabou, quero mais nada. Eu trabalhei até me aposentar aqui nessa escola. E aí eu aprendi muito, eu já 'tava formado, eu já sabia entrar numa sala de aula e trabalhar com a galera. Mas aqui no colégio... dá muitas condições, de você preparar melhor as aulas, de você ter um grupo de professores na tua disciplina, e você tem tempo pra reunião aqui no colégio, entendesse? Não é só aula, aula, aula, e aí você, pá, pode pegar ônibus na universidade e fazer saída de campo com a galera; então, aqui eu aprendi a ser um professor. Complementou a minha formação... a prática é que me fez como professor.

Lucas: Professor, na prática docente, como era sua relação com o livro didático?

Professor Rodolfo: Então, essa é uma outra discussão que perpassa aí a vida do pessoal que se forma em História. Usa ou não usa? É bom ou não é? Então tem também uma discussão muito intensa... essa discussão já tá bem avançada e já tem as duas correntes, a que defende e a que critica o livro didático. Pela minha formação, livro didático é importante, e se um cara que vai ser professor tem 22 anos, vai entrar numa escola ali no Estreito, não sei aonde, dá aula à noite lá, se o cara não tem o livro didático, o cara não consegue ficar quarenta horas dentro de sala de aula, o que tu vai preparar se não tem um livro didático? Então, eu acho que em muitas situações o livro didático é útil. Eu sempre usei como livro básico, primeiro dia de aula eu falo – “Ó, o livro de vocês é esse, a nossa bíblia. Primeira coisa que vocês vão fazer é ver aí, depois nós vamos ver

um filme, depois a gente faz saída de campo, depois a gente traz um conferencista, depois a gente faz outras coisas, mas esse é o básico". E se o aluno quer saber o que aconteceu depois da Revolução Francesa, 'tá ali no livro, se ele quiser saber o que aconteceu antes, 'tá lá no livro. Eu acho legal o cara ter o livro. Então eu defendo o livro didático. Agora, que livro didático? O bom livro didático. E essa é que é uma situação mais complicada, qual é o bom livro didático? Avançou muito, o MEC estabeleceu aí uma série de critérios, montou uma equipe que começou a ler os livros que estavam sendo oferecidos pelas editoras, e começou a dar uma selecionada na qualidade. Isso foi muito importante, existia muita porcaria no mercado, né? Então, a partir de uns anos pra cá começou a se ter mais cuidado com isso, valorizaram um pouco o mercado, e aí você tem um leque enorme de opções de livros didáticos pra usar, de quinta a oitava e de Ensino Médio. Mas é só um recurso, é só mais um instrumento que você tem pra usar. Então se você usa com critério é um ótimo instrumento para o professor, ajuda pra caramba, entendesse? Agora, quer fazer *PowerPoint*, pode fazer; agora, se fizer toda aula *PowerPoint* eles vão dormir também, entendesse? Então você tem que usar o livro didático, você... os recursos são os mais variados. Depende um pouquinho do conteúdo, depende da época que você 'tá, depende da idade dos guris, mas pô! – dá pra fazer coisas incríveis. Inclusive usando o livro didático, isso também faz parte da coisa. Então eu não sou contra o livro didático, eu sou contra o livro didático ruim. Também sou contra o professor que não sabe usar direito o livro didático.

Lucas: O professor exerceu algum cargo de direção na Escola?

Professor Rodolfo: Eu sou meio anarquista, então esse negócio de... cargo... poder, isso sempre me incomodou, eu nunca fui muito chegado nessa coisa. Agora, tem política dentro da escola? Tem política dentro da escola. Então eu sempre fui um professor político. Não militante de partido, nunca fiz proselitismo com meus alunos, mas eu sempre assumi posições políticas bem claras, inclusive eu acho isso importante pros

próprios estudantes, pra eles saberem quem é o professor deles, não é? Então sempre fiz questão de ser muito franco dentro da escola, com meus pares, com meus colegas – o reitor, o diretor, os meus colegas professores, os iguais a mim – e com meus estudantes. Eu sempre assumi minhas posições claramente e sempre me articulei com os que mais ou menos concordam comigo, e a gente – sempre dentro dum jogo bem explícito, ético e democrático –, a gente sempre defendeu as nossas visões de escola, nossa visão de História, e nossa visão de como devem funcionar as coisas. (...)

Teve períodos aqui na escola que era ditadura militar, civil-militar. O presidente era um ditador general, então o presidente indicava o reitor, o reitor indicava o diretor do centro e o diretor do centro indicava o diretor do Colégio de Aplicação. Então, eu tive o prazer de participar aqui na escola da democratização da estrutura interna do colégio e da universidade. Porque quando eu entrei aqui, em 82, isso aqui era assim, uma coisa que vinha de cima pra baixo, e tinha censura e dedo-duro e tudo o mais. Agora, a gente construiu esse Colégio que elege o seu diretor, que discute as coisas em assembleia, que é o que dá vida a uma escola, a qualquer instituição. Mas na escola é fundamental esses espaços de discussão democráticos. Então eu participo, mas eu nunca quis ser diretor. Acho também que não tenho o menor perfil, sabe? Eu não seria um bom diretor, tenho autocrítica nesse sentido, assim. (...)

Lucas: O professor foi orientador de estagiários do curso de História da UFSC?

Professor Rodolfo: Estagiários da UFSC e da UDESC. Quando o Colégio de Aplicação foi fundado era assim, era pra ser campo de estágio. Pra que um coleginho dentro de um campus universitário? Pra que pôr as criancinhas aí dentro? Pra ter um campo de estágio. Ah, pra fazer pesquisa em ensino, pá, pá, pá. Pra ser um modelo. Mas o que interessava para uma Universidade ter um colégio? Pra estágio. Inclusive

os professores do Colégio eram os professores de prática de ensino. Depois numa certa época o Colégio passou por uma mudança, uma mudança importante, que foram as aulas passarem a ser dadas por professores de carreira de primeiro e segundo grau, enquanto que os professores ali da universidade eram professores de uma outra carreira, chamada de professores do terceiro grau. Teve essa separação. No começo era junto! E essa sempre foi a nossa luta, carreira única. Sempre foi. Porque professor de gente pequena tem que ganhar diferente ou ter carreira diferente de professor de gente grande? Isso nunca entrou na minha cabeça. Então no começo os professores do Colégio eram os professores de prática de ensino, professor de prática de ensino de Física dava aula de Física, e recebia os alunos de lá, aqui. Entendesse? O cara dava aula lá e aqui. Carreira única; era o máximo! E aí, depois, a gente dividiu e... e aí a gente começou a receber os estudantes de lá. Aqui a gente é professor do primeiro e segundo grau, e lá são professores do terceiro. Então separou as carreiras. Mas a gente continua a receber essa função primordial, que é a de receber estagiários. O que acontece com a disciplina de História? O curso de História sempre trouxe estagiários pro Colégio. Porque não é fácil funcionar. Problema sério, não é fácil funcionar esse negócio de formação inicial de professores. Nós somos bons nisso. Então a minha vida inteira eu recebi estagiários, a minha vida inteira, todo ano eu recebi estagiário. E daí chegou uma época que não sei quem se aposentou, não sei quem se aposentou da prática de ensino, tinha um professor da prática de ensino que não gostava muito da gente, começou a não trazer gente pra cá e aí eu acabei fazendo um lance com a UDESC, e aí a gente começou a receber o pessoal da UDESC, há uns doze, quinze anos atrás, sei lá. O Colégio continua recebendo da UDESC também, porque também é uma universidade pública e é a função da escola, entendesse? Então a gente recebe a garotada da UFSC e a garotada da UDESC... todos os professores de História aqui do Colégio tem uma monteira de estagiários, todos os anos. Eu acho isso muito bom, trabalhar com vocês; daqui sei lá..., dois anos, você aparece aqui – “Ô, eu quero fazer estágio contigo”, é ótimo! É bem-vindo. O Colégio tem

estrutura, os professores têm a manha de orientar. Turmas menores, biblioteca, *datashow*, fica lá..., auditório, entendesse? Uma garotada animada, que 'tá acostumada, desde o primário eles tem estagiário, estão acostumados. Bolsista, estagiário é o que mais tem aqui dentro do Colégio. Então esse ambiente de ter um monte de gente se formando é o cotidiano do Colégio. E a disciplina da História é uma das que eu acho que mais recebe estagiário, por ter as duas instituições aqui, a UDESC e a UFSC, vindo pra cá; a gente consegue preencher, assim, minha média era dez estagiários por ano. E é ótimo.

Lucas: Professor, como foi a recepção dos seus pais frente a sua escolha profissional?

Professor Rodolfo: Te falei que eu sou pequeno-burguês? Meu pai é comerciante, então eu trabalhava no sábado, atrás do balcão, domingo meio-dia, odiava isso, tinha raiva dele por causa disso, tadinho. Então, eu sou assim, de formação de comerciante, aquela coisa, pingadinho todo dia no caixa e tal, vender mercadoria, atender freguês, e... abrir, fechar a loja, essa coisa de comerciante, bem pequeno-burguês mesmo. E meu pai tem primário, e minha mãe tem primário, ela fez primário na Eslovênia. Eles chamavam de reino da Croácia, Sérvia e Eslovênia, depois virou Iugoslávia, e hoje em dia é, acho que virou Eslovênia de novo. Minha mãe veio de lá, minha mãe é imigrante, mas ela foi alfabetizada em alemão... um dialeto lá, esloveno. E meu pai já é filho de imigrantes. O pai do meu pai é alemão, mas meu pai nasceu aqui já. A minha mãe nasceu na Europa. Meu pai – é engraçado –, com nove anos de idade ele tinha cinco irmãs mais velhas, e minha vó deu um pé na bunda do meu avô e então ele virou arrimo de família aos nove anos de idade. Meu pai começou a ter que trabalhar, com todas as irmãs e a mãe, juntos, então meu pai teve uma vida bem dura, ainda assim conseguiu criar os filhos. E eu e minha irmã conseguimos nos formar na universidade. O que era muito orgulho pra ele, né? Então se eu dissesse assim – “Ó, eu vou ser médico, eu vou ser advogado, eu vou ser engenheiro”, talvez ele ficasse mais (ênfase)

feliz, né? Do que – “Ah, eu vou ser professor de História”. Mas foi uma ascensão social. Eu consegui ter um curso universitário, um diploma, que é uma novidade lá naquela minha família, todo mundo ralando, trabalhando desde pequeno (...)

Lucas: Professor, o que te levou à escolha de ingressar no curso de Historia?

Professor Rodolfo: Ah, porque era mais fácil (risada). Não foi o meu primeiro vestibular, inclusive eu tentei administração de empresas na Getulio Vargas, mas eu tive sorte de não entrar, percebi o meu enorme equívoco, porque como eu falei, o meu pai era de loja e então por uma série de motivos eu acabei fazendo aquele vestibular ali, mas logo eu percebi que aquilo não tinha nada a ver comigo. Eu percebi isso na segunda vez que eu fiz o cursinho. Fiz o cursinho chamado Equipe, lá em São Paulo, que era num prédio antigo... escola de freiras, lindíssimo. Tinha clausuras, pátios enormes, salas de aula com um pé-direito..., era lindo aquilo ali, depois foi demolido, virou um hotel de luxo ou um estacionamento, não sei bem; naquela época era o Equipe, que era um cursinho muito avançado e progressista pra época. O cara que fazia essa parte de agitação cultural no cursinho era o Serginho Groisman, com vinte e poucos anos. Vocês conhecem, né? Então, era o cara que trazia o Dori Caymmi, o Hermeto, passava ciclo de cinema japonês e tal, nos sábados. O Equipe era mais voltado pras Humanas, pra quem ia fazer Filosofia, Ciências Sociais, História, Geografia. Então cara, foi muito legal. Comecei a namorar com essa mulher que eu tenho aí até hoje, a mulher que me completou, que virou a minha companheira, a minha melhor amiga, foi o máximo! Foi o melhor ano da minha vida, eu acho. Não tinha nota, prova, né? Só assistia aula de História do Brasil, História Geral. Assistia aulas de Inglês e Literatura. As outras eu simplesmente matava e ficava namorando no pátio. E indo nesses shows e nesses teatros e agitação cultural no finzinho da década de 60, começo da década de 70 lá em São Paulo. Muita coisa acontecendo. Então, você ter dinheiro pra estudar, né?

– meu pai pagava o cursinho –, ter uma namorada, pai emprestava o carro pra sair à noite..., era uma delícia e, e... qual era a pergunta? Aí que eu vi que eu tinha que ir pra alguma coisa pra política, alguma coisa pras humanas mesmo, e aí eu fiz vestibular para Filosofia na USP, e na PUC entrei em História, e aí eu acabei optando pela História. Porque meio assim, eu já percebia que eu tinha essa tendência de ler, de estudar, de... conhecer. E de contar história (riso). Então eu já ‘tava percebendo que eu de alguma maneira preferia trabalhar com as pessoas do que trabalhar com documentos, ou atrás da escrivaninha com carimbos, ou atrás do computador. Eu preferia esse negócio de olho no olho, de ficar junto e de discutir as coisas e problematizar... não é polemizar propriamente, é problematizar mesmo. Ouvir várias opiniões e de discutir, de estar descobrindo as coisas, assim, que são mais ontologicamente humanas, entendeu? Mais intrinsecamente nossas do que a tecnologia, do que os cálculos, as engenharias, ou o corpo humano mecanicamente, essa coisa do biólogo, do médico, não! Essa coisa tão difícil de definir que é o ser humano, o que é a humanidade, entendesse? Foi essa questão que me levou a procurar História. Eu achava que era o curso que ia ajudar, me ajudar a entender qual que era o meu papel. O que eu ‘tava fazendo afinal de contas nesse mundo? O que a gente tem que fazer com a vida que a gente tem em nossas mãos? Eu falei – “É a História, acho que vai me ajudar”. Assim, essa ideia de que o passado, ele pode ser uma ferramenta, é fundamental pra você entender a tua época, a tua situação no momento. Em termos de construir um futuro. E aí entrei no curso da faculdade e tive bons professores no primeiro ano (voz elevada). Fiquei completamente apaixonado pelo curso, não tive nenhuma dúvida mais – “É isso aqui que eu quero estudar, é isso aqui que eu quero, nisso aqui que eu quero me meter”.

Lucas: Como o senhor participou da organização dos estudantes?

Professor Rodolfo: Muito bem, então eu estudei de 73 a 76 na PUC. (pausa) Ditadura militar. A época mais cruel da ditadura militar, certo?

Começou em 68, com o AI5, parada da luta armada e tal. Mas quando você entra na década de 70, um nojo cara. Então foi muito difícil, e foi muito importante na minha formação, foi aí que eu percebi que eu era de esquerda. Na minha adolescência a coisa foi mais pesada. Com doze anos, em 64, eu vi os tanques, achei bonito o desfile de tanques. Mas logo eu comecei a perceber o que significava tanques no poder, né? Então foi onde eu tive que me definir; me definir como uma pessoa meio anarquista, de esquerda, socialista, favorável à uma transformação na sociedade, então eu passei a ser uma pessoa crítica. Eu não tinha livros pra ler. *O Capital* eu li em espanhol, da Fundo de Cultura lá do México, porque não tinha em português. Agora, como é que você vai fazer um curso (risadas) de História, Ciências Sociais, sem ler Marx; não tinha um livro do Marx. Então quando vinha um lá, clandestino, você tinha que ficar com ele escondido, entendesse? Não andar muito com ele na mochila, porque a gente tomava muita geral na rua. A PUC foi invadida quando eu estudava lá, pelo secretário de segurança pública, o... Erasmo Dias. A nossa reitora peitou o cara, mas ele entrou, cara; eles jogaram bombas de gás lacrimogêneo e teve colega minha que teve que fazer três cirurgias plásticas na perna e assim por diante. Quebraram o mimeógrafo do Diretório Central, nos colocaram no estacionamento da PUC, pegaram os ônibus da prefeitura e levaram vários estudantes presos. Tinha o dedo-duro dentro de sala. Teve minha professora de Antropologia, desaparecida do curso. (pausa) O cara que me vendia as apostilas no cursinho era estéril porque tinha sofrido tortura, tinham esmigalhado os bagos dele numa gaveta. (pausa) Então era uma situação assim, muito diferente de hoje.

Eu nunca fui de nenhuma, de nenhum partido político, nunca; eu te falei que eu sou meio anarquista. Então eu nunca me cheguei nem no PC, no PC do B, nem no PT, nem no PSTU. Dou grana, compro jornalzinho... apoio. Sempre tive uma postura clara pela democracia e contra todo tipo de autoritarismo e tal. Mas eu nunca fui, assim, militante de carteirinha. Não militei em grupos clandestinos, não fiz nada disso. Eu só agitava e agitava. Não que a gente militasse, mas a gente estava envolvido nas

paradas, né? Foi um período muito, muito intenso, né? E que prejudicou muito a nossa formação. Por outro lado ajudou. Ajudou a nos formar também, a gente é fruto desse período aí.

Lucas: Então, como o professor viu o seu estágio no curso de História?

Professor Rodolfo: Ah, foi uma farsa, não foi legal. É como eu te disse, cara, eu entrei no curso querendo resolver lá algumas questões fundamentais da humanidade e eu não achei que era na prática de ensino, entendesse? Apesar de que tinha Filosofia da Educação, tinha algumas disciplinas na licenciatura que são interessantes, mas pra mim naquela idade, naquele momento que eu 'tava vivendo... não quero ser deselegante, mas eu não gostava muito de licenciatura. Eu gostava do bacharelado, eu gostava dos cursos de conteúdo de História, eram esses que me atraíam, assim, intuitivamente, os livros que gostava de ler e tal. Aí começava a ler Estrutura de Primeiro e Segundo Grau, achava muito chato. Depois que entrei na escola é que comecei a entender como funcionam. Depois que entrei em sala de aula é que comecei a entender como os professores funcionam. Então levei com a barriga a licenciatura, é claro que colocou algumas coisas pra mim, eu li lá alguns textos, li alguns pedagogos e tal. A gente trabalhou com alguns pedagogos, alguns filósofos interessantes. Foram legais pra mim e tal, me fizeram pensar um pouco, mas eu não dediquei muito esforço à minha licenciatura, ao meu estágio.

Eu trabalhei a minha vida toda com estagiário, e nunca soube trabalhar direito. Essa que é a verdade, né? O que eu sempre consegui fazer, que eu acho que ajudou muito os estagiários que ficavam aqui comigo, foi que eu conseguia deixar a turma bem preparada pro estágio, sempre soube de certa maneira dar uns toques e dar um apoio, e pra esses jovens que tão passando por aquela situação limite que é entrar numa sala de aula, às vezes pela primeira vez, pra ver se gosta ou não gosta. Então... de criar um clima legal, isso eu sei fazer. Agora, dizer como é que dá a aula,

bah, isso precisa ser o professor de prática, mesmo, entende? Como eu disse pra você, eu aprendi a dar aula de um jeito muito pessoal, muito na prática, mesmo, então, eu não sei dizer – “Ah, não, tem que fazer assim, fazer assado”, né? Eu não sei preparar muito material didático. Eu sou muito cuspe e giz. Dependo muito do meu desempenho, dependo muito de mim. Ah, preciso dar uma aula, eu leio trezentos livros, entende? (riso). Então eu tenho umas aulas legais, mas minhas aulas são assim, pá, pá, pá. O meu estilo é muito, eu não sei, eu não vou dizer pra vocês me copiarem, eu não sou um modelo. Acho que um Colégio que só tem professores como eu ia ser uma merda, entende? Agora, um ou outro professor como eu numa escola é legal (risada),... que não é muito enquadrado. Tento ser autêntico, tento conquistar os estudantes, quero que percebam a importância e gostem das discussões que trago para a sala de aula, que se envolvam. Mas não sou muito disciplinado.

Lucas: Professor, quais são as suas lembranças da sua formação escolar?

Professor Rodolfo: A lembrança é um negócio complicado, porque a gente..., a gente fantasia, né? Agora, assim... eu já falei que eu não era atleta, não era rico, não era bonito, e aí eu fui estudar numa escola chamada Visconde de Porto Seguro. Uma escola de elite alemã, lá de São Paulo. Então, lá o diretor-presidente da Bosch, filho dele estuda no Porto, entendesse? Diretor que veio da Alemanha que trabalha na Volkswagen, filho dele tá lá no Porto, entendesse? Cara, aquilo foi muito difícil pra mim. Te falei que eu era pobre, meu pai era pequeno-burguês, dono de uma lojinha, um mercado, que eu tinha que trabalhar sábado e domingo. Meus amigos, sábado e domingo iam passear de lancha, esquiar lá na represa, iam pra Alemanha, eles usavam roupas... o casaquinho era da Alemanha, os lápis de cor de marca alemã; e eu, minha mãe comprava meu material escolar na feira, meu! (risada contínua) Eu era completamente inadaptado naquele colégio (risada), foi uma tortura. Fiz aquilo até a oitava série, brigava com os professores, era

considerado um aluno..., eles me chamavam de burro, de rebelde, de tudo. Sabe como é o ensino alemão? Meio fascistoide. Teve professor meu que na época da Segunda Guerra Mundial usou a suástica no braço, esse era meu professor de alemão, batia na cara dos alunos, era um neurótico. Então, aquele colégio, meu... então, eu não tinha nenhuma identidade ali, entendesse? Não era o meu grupo social, eles eram muito mais ricos do que eu. Então, quando eu ia na casa de alguém no final-de-semana era completamente diferente da minha casa. Eu não era miserável, eu era... mas eu era pequeno-burguês, eles eram a alta burguesia, essa é a diferença. E então eu não conseguia ter um bom rendimento na escola, porque eu não conseguia... Um pouquinho mais velho eu comecei a matar aula, eu saia de casa e não ia pra escola. Eu ficava lendo, eu ficava indo no cinema de manhã, (riso) ficava fazendo... o que cara que mata aula faz. (...) Uma formação assim muito rígida, muito estilo militar. Então ali que eu fui ficando um cara meio diferente, né? Um cara que não era bem adaptado. Então, hoje em dia eu não consigo falar em alemão, quer dizer, eu desaprendi a falar alemão por causa daquele colégio, por causa da raiva que eu tive (risada). Agora, eu gostava de algumas aulas, tinha professores que também não eram tão ruins e fiz amizades ali. Mas não era legal assim pra mim, não era; eu não me sentia super feliz no colégio, de uma maneira geral. Aí, oitava série, matei, rodei. Fiz o supletivo na oitava série. Aí meu pai me inscreveu numa escola de ensino médio, onde eu conheci minha namorada, essa que eu tenho até hoje, também rodei logo de cara, acabei fazendo outro supletivo. Tenho supletivo no ginásio e tenho supletivo no colégio. Não conseguia, cara, ficar naquelas escolas. Não é engraçado? Um aluno totalmente inadaptado que depois virou professor (pausa). É talvez um paradoxo? Não sei. Ou talvez foi por isso que eu consegui ser um bom professor, porque eu sabia o que me incomodava nos professores. Então eu tentei ser diferente. (pausa)

Lucas: Professor, fale um pouco sobre a sua aposentadoria.

Professor Rodolfo: Ah, eu tô de lua-de-mel com a aposentadoria. Porque é recente. Têm vários aspectos assim, acho que não deve fazer muito sentido pra vocês, afinal vocês nem começaram a trabalhar ainda, né? (riso) Mas assim ó, eu também achava que eu não ia me aposentar nunca. Eu não ia conseguir, do jeito que eu sou, eu não vou conseguir ficar tantos anos no mesmo emprego. E então eu nunca pensei muito nisso, e no fim é engraçado dizer isso, mas é meio uma surpresa que eu esteja aposentado. É difícil de eu acreditar nessa ideia (risada), de que eu fiquei vivo (risada), nessa idade, trabalhando, assim, certinho, sem faltar e tal, durante anos e anos. Então isso, às vezes eu fico meio surpreso. Mas têm vários aspectos que eu acho digno de nota quando eu comecei a pensar em aposentadoria, porque eu não pensava, aí quando eu comecei a ter idade mínima e tempo de serviço, eu falei – “agora eu vou começar a pensar se eu vou me aposentar ou não, se eu quero, quando eu quero”. Então eu comecei a pensar – “vou começar a me organizar pra ver como é que eu vou fazer, essa história de parar de dar aula”. Aí, gente dizia – “vai precisar de muita coragem”. Tem gente que tem medo de se aposentar. – “Você se aposentou? Você tá dando aula onde agora?” Eu digo assim – “Não, cara, eu me aposentei, eu parei de dar aula” (riso). – “Como parar? Na tua idade tu vai parar?” Parece que o inativo aposentado não trepa, acabou, morreu, entendeu? Aposentado vem de aposentos, é o cara que vai para os aposentos, sai da vida pública. Então isso é um peso, é uma imagem que muitos têm. Mas não é! Eu sou meio *hippie*, meio anarquista, ficar sem trabalhar é o meu sonho. Claro! Sempre fui contra o trabalho. Trabalho oprime o homem, ainda mais no capitalismo, não é? Então! Não ter que trabalhar o dia inteiro, não vou ter que acordar segunda-feira, dar seis aulas, entrar sete meia..., que ruim, né? (risada) Agora você precisa ter uma certa saúde, pra ainda poder usar drogas, ainda poder tomar um café, ainda poder beber um vinho, tomar cerveja, comer legal, entendesse? Então, ter um tempo ainda pra ti, ter uma namorada, isso eu acho legal. Muita gente diz, – “Aposentadoria é uma merda!”. Claro, fica sozinho em casa, num apartamento assistindo televisão. Não é meu caso, entende? Tenho uma mulher super legal em

casa, a gente namora, sai juntos, passeia, viaja, lê, discute, bom... trepa, tudo, né? Então não é ruim ficar mais tempo em casa. Entendesse? O que às vezes acontece, o cara se aposenta, fica lá assistindo televisão, tomando um monte de cerveja, sei lá, atrapalhando a mulher. Assim, eu me dou bem com a minha mulher, a gente tem um esquema que funciona há muitos anos, a gente se curte, então poder ficar mais tempo juntos é legal. Outra coisa é que eu deixei de fazer 'n' coisas por causa do trabalho. Uma montoeira de livros que eu tinha que eu não lia, porque eu tinha que ler o jornal, eu tinha que ler o *Le Monde*, eu tinha que ler o *Brasil de Fato*, tinha que ler o livro didático, tinha que ler a matéria que eu vou dar amanhã na escola! E então, agora posso ler literatura, por exemplo, que aprecio, mas sempre acabava dando preferência pra um livro pro meu trabalho. Isso aqui te suga, vocês nem imaginam o quanto os professores aqui trabalham. Então você deixa de fazer as coisas, porque está nessa loucura de todo dia ir pro trabalho, todo dia dar aula, é muita responsabilidade, você tem que lidar com as crianças. Você é o adulto com aqueles menininhos, aquelas meninhas lá, na tua mão, não é? E a responsabilidade é sua, enorme. E você não está lidando com máquinas, você está lidando com seres humanos em formação! Então você tem que estar legal, você tem que estar bem, entendesse? Cansa muito ser professor. Então tem uma hora que é legal tu parar. Entrou o Manuel, a Karen, entrou o Fernandinho. E assim que a escola... entende? Professores mais jovens, mais empolgados, mais dentro da época deles. Não que não possa ter professores velhos. Eu adoro a velhice, to achando muito legal esse negócio de ser velho e não tenho nada contra os velhos, quero ficar velho bastante tempo, aliás, né? Mas eu acho que a escola tem que ter uma renovada. E trabalhar com gente jovem, adolescente, é uma coisa muito desgastante... é desgastante. E chega uma hora que você não consegue mais se renovar também. Não consegue mais entender o que esses guris estão falando, que banda que eles estão ouvindo, entende? Começa a ficar muito fora da parada. – “Ah, professor, ‘cê deu aula pra minha mãe”. Eu ‘tava ouvindo muito isso já. Eu falava – “Ah, manda um abraço pra ela, então” (risos gerais). E aí eu

comecei a pensar em aposentadoria, quer dizer, daqui a pouco eu tô dando aula pra netos, aí não dá, eu vou virar uma caricatura de mim mesmo, entende? Eu fiquei um pouco com medo disso. Eu não sei como é que é com jogadores de futebol, mas tem um lance assim que a gente tem que saber quando pendura a chuteira, não é? Então..., quando é que eu parei de trabalhar? Quando eu ainda gostava de trabalhar. Tanto é que eu tô aqui. Adoro voltar pro Colégio. Eu dei aula até dezembro do ano passado, abraçando meus alunos, fazendo saída de campo, participando em pesquisa de ensino, fazendo tudo à mil. Adorando, adorando, adorando. Falei – “Mas é aí que eu tenho que parar”. Sempre gostei de trabalhar aqui, adoro esse ambiente, tenho muitos colegas aqui, amigos, e me aposentei quando falei – “Olha, ainda tenho saúde, mas já tô sentindo que está ficando difícil de acompanhar essa galera. Dói a voz, a garganta. Então eu vou me aposentar”. E assim... eu saí de São Paulo pra morar aqui, nunca me arrependi, essas mudanças na minha vida são assim sem problema. Assim, eu não to precisando de psicólogo, eu não tenho problema de dormir, de sentir falta, entendesse? Eu tô super tranquilo com isso, aliás. É que é meu jeito mesmo, eu vou amadurecendo as coisas e eu..., trinta anos, cara, já não deu tempo pra amadurecer e falar – “Agora você vai parar”? Então, eu tô assim satisfeito... também tem um negócio, falei que eu quero ser velho? Agora, é muito difícil ser velho se você teve uma vida de merda, porque ‘cê vai lembrar do que? Então, eu acho que se você leva uma vida que você vai fazendo as opções que você acha mais corretas, assim, dentro do possível, é claro, porque a gente tem que sobreviver e só alguns são heróis. Mas se você estabelece alguns, certos princípios, um certo padrão ético de relacionamento em relação ao que você vai fazer com a sua mulher, com o seu filho, com seus alunos, com seu emprego; se você consegue mais ou menos respeitar isso, você consegue ter um mínimo de coerência na tua vida, é muito legal ficar velho. (pausa) Mesmo que os teus colegas... meu avô já morreu, meu pai já morreu, meu irmão já morreu (riso)... enquanto você fica vivo os outros morrem, né? Então, isso é pesado. Mas por outro lado, cara, se você teve uma vida de acordo com o que você achava o correto,

aí você tem boas coisas pra lembrar. Você não foi um professor sacana, você não foi um profissional sacana, você não foi um pai sacana, entendeu? Eu trabalhei naquilo que eu gostava, eu fiquei com a mulher que eu gostava, tive muita sorte nisso, eu escolhi morar no lugar que eu achava mais bonito, mais gostoso. Então eu tô feliz da vida, agora eu tenho mais tempo pra... pra mim, pra continuar toda essa história aí que eu tô fazendo há tanto tempo. Eu sou um cara, como é que se diz... realizado. Pobre mas feliz, entendesse? (riso) Fui autêntico, não fiquei enganando as pessoas. Tentei não ser hipócrita, tentei não mentir pros meus amigos, tentei não mentir pra minha mulher, e agora eu acho que eu colho os frutos com merecimento. Eu mereço ser um velho feliz. Ter uns anos de aposentadoria bem legais.

Lucas: Como o professor se sentiu na entrevista, como foi recordar a sua trajetória de vida e profissional?

Professor Rodolfo: É legal, né? E eu acho assim, faz parte da vida. Então, quando eu comecei a dar aula, os meus alunos eram parecidos comigo. Depois de um tempo, os alunos começaram a ficar muito novinhos e eu comecei a ficar muito menos parecido com eles, né? E agora eu já tô quase parecendo com o avô. Então, essa coisa..., ela é natural na vida da gente. Quando a gente tem vinte anos, sei lá, a gente não tem noção direito do tempo, entende? Porque o tempo, que é o material do historiador, ele é muito complicado. É muito complexo de entender como é que funciona essa coisa do tempo pro ser humano, essa coisa de ter memória e projetar futuro. Então, isso aí é extremamente complexo. Então, com a vida, com o tempo, tu vai aprendendo mais ou menos como são as coisas. O que é ser jovem? Eu sei, você também sabe. O que é ser maduro? Eu sei, você não sabe tanto assim. Falta alguma coisa ainda, você pode ler bastante, ler Balzac, pá, pá, pá... mas vai ficar faltando, entendesse? Porque você nunca esteve onde eu estive. Então a minha perspectiva já é essa, já tô tranquilo, entendesse? É a de um cara... que vale pra mim a experiência, mais do que vitalidade, mais

do que a perspectiva de futuro. Pra mim, boa parte do meu trajeto já foi realizado, entendesse? Então, eu sei que eu sou de uma outra geração e eu acho legal você estar nesse ponto. Às vezes, eu era jovem e pensava – “Pô, eu quero ser um velho cabeludo, barbudo, cheio de sabedoria” (gargalhada). Você nunca pensou em você velho? Você nunca se imaginou velho? Se você vai ser careca, se você vai ser barrigudo? Olha pro teu pai ou pro teu avô. É claro que você já se imaginou. É que eu já tenho mais tempo, né? Mas eu acho legal isso, entendesse? De eu ser um cara que ainda tô vivo. Eu acho isso muito bacana (risada). Então, agora, se você fica velho entre os velhos é uma coisa, se você fica velho no meio de um monte de gente jovem aí é outra. E é legal. Então essa conversa que eu tô tendo com vocês aqui, vocês são um pouco mais jovens que o meu filho, por exemplo, meu filho já é... mais velho (ênfase) que vocês. Então, pra mim é legal conversar com alguém de dezoito anos, que tem mais ou menos o mesmo interesse, porque a gente tem uma liga, né, cara? Nós estamos na mesma universidade, nós estamos fazendo o mesmo curso, né? Então é prazeroso, e muito gostoso poder conversar com os jovens e achar que a experiência da gente vai poder contribuir pra vida de vocês ou pra discussões que vocês vão fazer lá na aula, sei lá onde, né? Que as coisas que a gente conversou aqui de alguma maneira sirvam pra vocês continuarem as suas reflexões e, e às vezes completar alguma coisa. Dizer – “Dá pra ser professor e ser... assim, né?” (riso) Eu sou um outro tipo, né? Eu sou uma referência. Eu sempre achei legal isso, de me perceber como uma referência. Porque quando você trabalha com adolescentes eles estão lá se mirando no pai deles, se eles têm. Padrasto, se eles têm. Mãe, madrasta, se eles têm. Eles tão se mirando nos adultos, porque eles estão se formando como pessoas, certo? Eles estão olhando para os professores, eles estão olhando pro guarda, eles tão olhando pra TV, eles estão olhando para as pessoas e tentando ver os reflexos, os espelhos, as ressonâncias, sei lá, eles estão se formando. Eles vão ter que decidir. As opções, você tem um milhão de opções o tempo todo pra fazer, então você tá olhando o exemplo. É um dos jeitos que o ser humano mais aprende. É olhando o

adulto. Se em casa todo mundo come com as mãos, o gurizinho vai comer com as mãos. Se em casa todo mundo come com os talheres corretos, a criança, com dez anos, come com os talheres corretos. Ele imita. Se o pai espanca a mãe, ele vai bater na namorada, se os pais se tratam com respeito... entendesse como que é? As crianças, os jovens, tão olhando pro mundo dos adultos e tirando as suas referências. Então, eu sou uma referência. Entendeu? Então, eu acho isso um barato, chegar para um garoto e falar – “Sou ateu!” (gargalhada). O cara vai a missa todo domingo, tem uns que são não sei o que de Jeová, tem uns que são judeus, tem uns que são... Edir Macedo! Percebesse? É complicado, discutir isso é super delicado. Mas eu tenho um prazer enorme de chegar pra um guri e falar – “Se quiser ser ateu, dá pra ser, ó, eu sou, tô aqui”. (voz baixa). – “Ah, sou comunista” (gargalhada). – “Ainda tem isso aí? Meu pai diz que acabou” (risada contínua). – “Ainda tem os velhos comunistas” (risada). Ai, eu coleciono árvores. Eu falo isso pra eles, que eu abraço o meu Garapuvu e converso com ele. Eles dizem – “Pô, professor gosta de árvore (voz baixa), velho maluquinho, vive na floresta” (risada). Mas aí eles veem o que? Que eu sou atento, que eu não minto, que eu to alegre junto do meio deles, me sentindo bem lá com eles. Me divirto. Assim... a escola, a profissão, a vida, muitas vezes você tem muita coisa pesada pra enfrentar e tal, apesar de que eu me considero um cara de sorte, apesar de que tem momentos, assim, bem complicados, mas quer saber? Na hora que você entra na sala de aula você esquece todo o resto, na hora são aqueles garotos ali, discutir aquelas coisas lá. Aquele convívio diário, cotidiano, às vezes o cara vê mais a mim do que o pai dele, certo? Trabalha o dia inteiro, tá fazendo doutorado à noite não sei aonde. O guri às vezes vem conversar comigo em vez de conversar com o pai, entendesse? Isso aí é o máximo. Uma sensação de pertencimento, sensação de que você tem um milhão de amigos. E não é que nem o Roberto, que queria vender um milhão de discos (riso). Eu sou um amigo autêntico, entende? Quando um garoto vem conversar com a gente no pátio é..., um monte deles viraram amigos, entende? Então, lembrar essas coisas, é isso que eu te disse, o velho é feliz se ele teve uma vida que ele

mais ou menos fez o que ele pretendia. Sem muitos arrependimentos. É claro que a gente pisa na bola direto, eu tenho muitos arrependimentos. Não vou nem começar a falar... das coisas erradas que eu já fiz na vida, mas na síntese aí do final da vida a coisa é essa, se você teve uma profissão legal, se você teve uma relação legal com a família, se nas coisas básicas você conseguiu ser um homem decente... é legal ser velho. Mesmo com as dores, as doenças e a perda de pessoas queridas, né? E o convívio com os jovens – isso falo para os meus alunos, mas eu tô falando pra vocês também, porque sempre tô com estagiário, que são uns meninos parecidos com vocês – é super legal. Vocês ensinam muito pra gente, com a vitalidade, com toda essa esperança que vocês têm no futuro, cheio de perspectivas, querendo saber das coisas, e às vezes a gente achando que pode ajudar um pouco. É muito legal. Muito legal. Portanto, eu agradeço a oportunidade. Felicito a professora pela iniciativa, vocês tão produzindo um material aí importantíssimo. Muito legal que sejam vocês fazendo, que sejam os jovens. Não uma professora, meio que nem eu, que vem aqui me entrevistar, entendesse? É legal que sejam vocês, que vocês estejam trabalhando nesse material, produzindo esse tipo de documento, que vai ser arquivado, vai servir de material de reflexão e tudo o mais. É legal, muito legal ver jovens trabalhando, estudando e querendo fazer as coisas, isso aí. É a vida, e ela é bonita.

Recebido em 31/10/2011

Aprovado em 15/11/2011